

Mente ecológica

AS PREOCUPAÇÕES COM A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE REVELAM VALORES EMERGENTES LIGADOS À COLETIVIDADE; OS PASSOS EM DIREÇÃO À INDIVIDUAÇÃO SE REFLETEM NO EMARANHADO SOCIAL, CONTRIBUINDO PARA EVIDENCIAR QUE A RESPONSABILIDADE É CONSEQUÊNCIA NECESSÁRIA DA LIBERDADE

// por **Melissa Tavares**

Nos últimos anos, o meio ambiente ganhou destaque. Aparece nas redes sociais e na mídia, nas conversas informais; é tema de aulas de muitas escolas de educação infantil e cursos de especialização. A Conferência das Nações Unidas e a Cúpula dos Povos, realizadas no Rio de Janeiro entre 13 e 22 de junho, tendo como tema central o desenvolvimento sustentável apoiado em pilares sociais, econômicos e ambientais, são representativas do atual contexto histórico. Independentemente de os debates resultarem em ações concretas, os eventos constituíram um privilegiado fórum de debates sobre os valores que formam práticas compartilhadas por uma comunidade, conferindo visão particular da realidade e permitindo entender sua organização. Nesse sentido, a importância da Rio+20 ultrapassa a questão ambiental e reflete o universo subjetivo.

Podemos mesmo pensar que o encontro seja mais um ato na construção de um novo paradigma social – o da ecologia profunda, que concebe o mundo como uma rede de fenômenos interdependentes. Essas “camadas” de uma mesma teia espelham o pensamento complexo da contem-

poraneidade, segundo o qual tratar de assuntos sociais requer considerar a dimensão psíquica de seus agentes. Nesse contexto, se fazem necessárias as abordagens transdisciplinares, e a relação entre a subjetividade e o meio se torna objeto de estudo de muitas áreas do conhecimento.

Essa relação foi bastante considerada na formulação da psicologia junguiana e permeia as proposições nela sustentadas. Como exemplo, o professor americano Theodore Roszak tomou por base a teoria do inconsciente coletivo de Carl Jung para considerar que haveria uma camada psíquica profunda, denominada *inconsciente ecológico*, que seria constitutiva do sujeito e o manteria conectado com a natureza. Ele propôs uma verdadeira *ecopsicologia*, segundo a qual a concepção antropocêntrica moderna, tomada como verdade, é colocada em questionamento quando a natureza deixa de ser considerada apenas como algo utilitário ao homem e passa a ser vista como um sistema do qual o homem participa. Na década de 90, Roszak concluiu que a saúde ecológica do planeta está diretamente relacionada à saúde mental das pessoas, que se relacionam de forma sinérgica.

No campo da psicossociologia, Eugène

A AUTORA

É psicóloga, advogada e mestre em direito tributário.





© MOPIC/SHUTTERSTOCK

Enriquez sugere que quanto mais autonomia o sujeito alcança em relação às normas vigentes e mais singular ele se torna, maior também será sua contribuição para as mudanças sociais. Nesse mesmo sentido, podemos entender que o processo clínico de individuação modifica a postura ética da pessoa, que tende cada vez mais a se implicar com a vida como um todo, assumindo sua parcela de responsabilidade diante de fatos que dizem respeito a todos.

A prática clínica há muito ultrapassou os limites do consultório. A relação terapêutica alcança, além da subjetividade individual, a coletiva em seus variados aspectos. E essa relação é multidirecional. Assim como questões que dizem respeito aos grupos chegam à clínica, os passos dados em direção à individuação se refletem no emaranhado social mais amplo, o que caracteriza um processo “subversivo”, no sentido que subverte valores e possibilidades de escolha.

Essa concepção do homem como parte da natureza foi percebida por Jung em suas experiências com povos fora da Europa numa época em que a cultura europeia os subjugava. É relevante o fato de que hoje esse tema mobilize a sociedade e seja

pauta de discussão de políticas governamentais e da iniciativa privada em todo o mundo, trazendo para seus fóruns a dimensão dos processos psíquicos inerentes ao tema.

Dessa perspectiva, o encontro internacional que traz à tona temas ambientais, econômicos e sociais se torna um rico ambiente de produção social. Como destacou o filósofo francês Michel Foucault, não há produção de saber que não constitua relações de poder, o que permite concluir a importância de conhecer as aproximações subjacentes de dominação que fazem parte da compreensão da subjetividade – que produz determinada cultura ao mesmo tempo que é produzida por ela.

A dimensão subjetiva se mostra, assim, como parte importante da rede de produção social, impactando questões de cidadania. No final da década de 90, o filósofo Felix Guattari propôs uma solução ecosófica para a construção do paradigma ecológico. O termo, que resulta da junção de ecologia e filosofia, aponta para a articulação entre a ética e a política na abordagem dos três registros ecológicos: meio ambiente, relações sociais e subjetividade.

Essa compreensão é evidente nas propostas da Rio+20, em especial nos temas tratados na Cúpula dos Povos. É possível ressaltar a discussão de fundamentos éticos e filosóficos que englobam subjetividade, dominação e emancipação. A proposta é destacar a ideia de uma nova civilização capaz de superar valores capitalistas vigentes. A *biocivilização* é tomada como um preceito a ser alcançado com mobilizações sociais que colocam em xeque a visão dominante, antropocêntrica e segregadora.

O comitê francês, que enfocou a discussão sobre ética e rupturas necessárias para essa transição, enfatiza que a melhor compreensão da interdependência entre os homens e, destes, em relação à natureza, transforma a noção de responsabilidade, elevando-a a um nível global. O resultado é a ampliação das discussões e a constatação de que a responsabilidade é a consequência necessária da liberdade. Nesse momento, nos cabe definir se o impacto de eventos como a Rio+20 será vivido de forma distanciada ou como uma janela para uma melhor compreensão do paradigma ecológico que, como aponta Gilles Lipovetsky, se firma como vertente relevante da sociedade hipermoderna.

O filósofo Felix Guattari propôs uma forma de pensar que chamou de ecosófica, levando em conta três aspectos: meio ambiente, relações sociais e subjetividade

PARA SABER MAIS

Os tempos hipermodernos. Gilles Lipovetsky. Barcarolla, 2004.

Ecopsychology: restoring the Earth, healing the mind. Sierra Club Books, 1995.

<http://www.rio20.gov.br>

As três ecologias. Felix Guattari. Papius, 1990.

